

## Taís Severo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

# Gender In/visibilities, Trans People and Public Bathrooms

This article aims to investigate the implications of gendered visibility systems in their relation to the use of public restrooms. To do so, it starts from a theory review with a focus on Trans Studies, and delves into some of the practical effects through a digital ethnography conducted in the communities of trans people on the forum platform Reddit. We show certain complexities surrounding the issue, in particular in the requirement of an unambiguous performativity of stereotypical gender markers in order for the use of public restrooms to be franchised; and how such devices apply not only to gender-variant people, but also to cisgender people.

### Keywords

gender studies; public restrooms; Reddit; Trans Studies; transgender.

# In/visibilidades de Gênero, Pessoas Trans e Banheiros Públicos

**Este artigo busca investigar os acionamentos dos regimes de visibilidade de gênero em sua relação com o uso de banheiros públicos. Para tanto, parte de uma revisão teórica com foco nos *Trans Studies*, e aprofunda os efeitos práticos através de uma etnografia digital realizada nas comunidades de pessoas trans na plataforma de fóruns Reddit. Demonstramos certas complexidades que envolvem o tema, em especial na exigência de uma performatividade inequívoca de marcadores estereotípicos de gênero, para que o uso de banheiros públicos seja franqueado; e como tais dispositivos não se aplicam apenas às pessoas gênero-variantes, mas também às pessoas cisgênero.**

### Palavras-chave

banheiros públicos; estudos de gênero; Reddit; Trans Studies; transgêneros.

## Introdução

Um dos efeitos mais imediatos e controversos que emergem do acontecimento transgênero na sociedade contemporânea é a caracterização dos banheiros públicos como um visível território de disputas e regulação social. A imposição das normatividades do sistema sexo/gênero, ao questionar e desumanizar as identidades trans, resulta em controles de significado, mas também fisiológicos, sobre esses corpos. Os conflitos que daí despontam – particularmente nas objeções ao uso de banheiros femininos por mulheres visivelmente trans – indicam que esses espaços, mais do que meramente funcionais, são também utilizados como operadores que reforçam um cissexismo binário compulsório e inequívoco. Como afirma Preciado (2019a), o banheiro, mais do que um local reservado às necessidades biológicas, é uma das mais discretas e efetivas tecnologias de gênero. Considerados um santuário que o gênero oposto não deve jamais invadir, os banheiros públicos (notadamente em instituições de ensino, empresas, restaurantes e *shopping centers*) revelam mecanismos estruturantes da sexopolítica, governando os corpos a partir de uma premissa visual, mais do que essencialista, como pretendemos demonstrar.

Neste artigo, revisamos alguns apontamentos teóricos alinhados às Teorias Queer e aos *Trans Studies*, buscando situar a compreensão acerca dos banheiros públicos na visão de autores que se aproximam às problemáticas desse fenômeno cultural. Além disso, ao acionar os *Trans Studies*, partimos de um campo teórico que assume o pressuposto da legitimidade de seus sujeitos – premissa que julgamos como base necessária para esta discussão. Para ampliar a compreensão acerca do tema, bem como tensioná-lo, trazemos também as vozes dos próprios indivíduos: pessoas trans em seus relatos de experiência com os banheiros públicos. Para tal, colhemos depoimentos deixados de forma espontânea nas comunidades de temática trans do Reddit, plataforma de fóruns digitais com mais de 57 milhões de usuários ativos por dia<sup>1</sup>. Em nossa metodologia, utilizamos a etnografia digital como ferramenta de investigação adequada às pesquisas em espaços de convivência *online*, tendo participado destas comunidades por um período de cinco anos – inicialmente como integrante, e então como pesquisadora participante<sup>2</sup>. Nas comunidades do Reddit, em especial o AskTransgender<sup>3</sup>, percebemos uma multiplicidade de vozes e opiniões fragmentadas, que em certos momentos se unem nas pautas éticas relacionadas às variações de gênero, e em outros, revelam controvérsias e muitas vezes reproduzem normatividades cis-binárias que se chocam com as pautas identitárias dos ativismos e com as perquirições das teorias. Procuramos, assim, obter uma

visão abrangente sobre os conflitos que ocorrem no uso de banheiros públicos por pessoas trans, destacando as complexidades que envolvem o tema – inclusive internamente, nas próprias comunidades que protagonizam o embate.

## Banheiros públicos como cabines de vigilância de gênero

Na máquina-capital-heterossexual não se desperdiça nada. Ao contrário, cada momento de expulsão de um dejetos orgânico serve como ocasião para reproduzir o gênero. As inofensivas máquinas que comem nossa merda são em realidade normativas próteses de gênero (Preciado, 2019b, s.p.).<

Isso deixando de lado inteiramente, por um momento, a raiva que me dá escrever sobre essas coisas – beber água e mijá-la – como se não fossem as liberdades mais básicas, como se mesmo prisioneiros políticos, aqui e no exterior, não tivessem mais e melhor liberdade de beber água e mijá-la do que a maioria das pessoas trans que eu conheço tem, ou tiveram em algum momento<sup>4</sup> (Bergman, 2010, p. 30, tradução nossa).

A compreensão dos banheiros públicos como espaços de vigilância de gênero precede as Teorias Queer. Connell (2011), ao investigar o histórico desse imbricamento, indica que Goffman, desde 1963, entende o banheiro como um componente significativo do sistema de crenças essencialistas na naturalidade e na inevitabilidade do gênero. De forma análoga, Lorber, em 1993, também denuncia o local como engrenagem do sistema institucional normativo que sustenta o (falso) binário entre homens e mulheres (Connell, 2011, p. 176). No entanto, embora esses espaços procurem enfatizar uma correspondência “natural” entre sexo, genitália e identidade, são as características sexuais secundárias (a aparência externa, visível e apreensível), e não as primárias (órgãos sexuais encobertos, mas subentendidos), que indicam quais tipos de pessoas podem acessá-los. Opera aqui um regime de signos que se impõe sobre identidades, legalidades e o próprio corpo, enunciando as possibilidades de uso do local em visibilidades estereotipadas. Com efeito, a presença pública de pessoas queer e trans evidenciam as normas e as dizibilidades que regulamentam o uso dos banheiros.

Preciado (2019b) assinala que os banheiros, embora procurem indicar um ordenamento “normal” entre os corpos, são, em verdade, células públicas de inspeção, onde se avalia a adequação de cada corpo aos códigos vigentes de masculinidade e feminilidade. Esta visão é corroborada por Halberstam (1998) ao ressaltar que mulheres cisgênero também são barradas em banheiros femininos quando sua expressão de gênero não corresponde ao estereótipo normativo. Tais restrições, que obrigam uma performatividade específica da categoria “mulher”, ficam ainda mais explícitas diante de identidades gênero-variantes.

Não-homem e não-mulher, o usuário gênero-ambíguo desse banheiro [feminino] também não é andrógino ou intermediário; essa pessoa é gênero-desviante. ... E uma mulher biológica cuja expressão é *butch*, que passa como homem em algumas circunstâncias e é lida como *butch* em outras, e não se considera uma mulher, mas mantém distância da categoria “homem”? Para tal sujeito, a identidade pode ser melhor descrita como um processo com

1. Informação disponível em <https://redditinc.com/press>, recuperado em 25 de março, 2023.

2. Outros resultados dessa pesquisa se encontram na dissertação de mestrado da autora, *Invisibilidades: A constituição dos mundos trans nos transgender studies e nas comunidades do Reddit*. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220397>.

3. Fórum central da comunidade de pessoas trans do Reddit, com mais de 269 mil assinantes, e que concentra o maior volume de discussões. <https://reddit.com/r/asktransgender>.

4. “This is leaving aside entirely, for the moment, how angry it makes me to write about these things – drinking water, and pissing it out – as though they were not the most basic kinds of freedom, as though even political prisoners both here and abroad didn’t have more and better freedom to drink water and piss it out than most of the transfolk I know do, or did at some stage.”

múltiplos locais para tornar-se e ser. Para entender tal processo, nós precisamos fazer mais do que mapear as jornadas psíquicas e físicas entre homem e mulher, e dentro dos espaços *queer* e hetero; nós precisamos, de fato, pensar em termos fractais e sobre geometrias de gênero<sup>5</sup> (Halberstam, 1998, p. 21, tradução nossa).

Não é apenas o aspecto social amplo e compulsório de “passar”<sup>6</sup> que é explicitado pelos banheiros; eles também informam construtos sexistas que ordenam papéis e permissividades de gênero. Através da *butch* que “passa” por homem, e tem seu acesso ao banheiro feminino questionado, Halberstam (1998) aponta que, nestes espaços, as mulheres femininas policiam as mulheres masculinas – ou seja, a regulação da normatividade cissexista age através das identidades femininas que subjuga.

O banheiro masculino, no entanto, é mais propenso a formar potencialidades sexuais do que repressão de gênero. O local constitui ao mesmo tempo uma arquitetura de vigilância e uma incitação ao desejo, “um espaço de interação homosocial e de interação homoerótica” (Halberstam, 1998, p. 24). A diferença arquitetônica entre os banheiros masculino e feminino, então, é mais do que adequação aos corpos: é uma prótese de gênero, que produz e fixa diferenças culturais através de funções biológicas. No banheiro feminino, como sinaliza Preciado (2019a), a profusão de espelhos funciona como um panóptico onde as mulheres vigiam coletivamente sua feminilidade heterossexual; e as anatomias devem ser protegidas pelo reservado das cabines. Já no banheiro masculino, é a genitália exposta que provoca a asserção identitária, uma vez que “mijar-de-pé-entre-homens é uma atividade cultural que gera vínculos de sociabilidade compartilhados por todos aqueles que, ao fazê-lo publicamente, são reconhecidos como homens” (Preciado, 2019b, s.p.).

Dessa forma, observamos que a controvérsia dos banheiros é fundada em uma perspectiva falocêntrica da cultura operada pela sexopolítica; um sistema que, ao ressaltar a necessidade de proteção das mulheres diante da ameaça do pênis, forma uma dualidade irregular entre um gênero privado e discretamente repressivo, feminino, e um sexo público e abertamente sensualizado, o masculino (Halberstam, 1998).

A partir dessa perspectiva, os corpos que fogem à normatividade têm seus sentidos apreendidos e imobilizados. No banheiro feminino, mais do que a presença de características masculinas, é a falha em performatizar a categoria “mulher” de maneira imediata e inquestionável que gera a desconfiança anatômica e identitária. Assim, inferimos que o acesso ao local é franqueado às pessoas de qualquer anatomia, mas que irrefutavelmente acentuam, na expres-

5. “Not-man and not-woman, the gender-ambiguous bathroom user is also not androgynous or in-between; this person is gender deviant. . . . What of a biological female who presents as butch, passes as male in some circumstances and reads as butch in others, and considers herself not to be a woman but maintains distance from the category ‘man’? For such a subject, identity might best be described as a process with multiple sites for becoming and being. To understand such a process, we would need to do more than map psychic and physical journeys between male and female and within queer and straight space; we would need, in fact, to think in fractal terms and about gender geometries.”

6. Se diz que uma pessoa trans “passa” por cisgênero quando não é percebida em sua condição trans, ou seja, é compreendida e tratada como uma pessoa cis em público. Esse dispositivo foi analisado em profundidade no artigo *In/visibilidades: dissidências sobre “passar” por cisgênero nos trans studies e nas comunidades de pessoas trans do Reddit*. <https://interin.utp.br/index.php/i/article/view/2917>.

são e na apresentação de gênero, não a presença de uma vagina, mas a negação da posse de um falo – requisito que, descumprido, significa uma disputa e/ou um ato de violência em potencial. Já nos banheiros masculinos, é o fracasso em evidenciar a presença do falo, simbólica ou literalmente, que pode acarretar atos de hostilidade. Por deslindar tais maquinações cissexistas e as incorreções ideologizadas da normatividade binária, Halberstam (1998) aponta que o banheiro representa a “desintegração do edifício do gênero na contemporaneidade” (Halberstam, 1998, p. 24). Diante das reivindicações e resistências das pessoas trans frente aos obstáculos de admissão aos banheiros públicos, estes se revelam como espaços de vigilância institucional. Como aponta Beauchamp (2019), a regulação dos banheiros é apresentada como uma questão de segurança pública, quando na realidade monitora a normatividade do gênero. O escrutínio racionalizado dos corpos permite que conceitos vagos e abrangentes como “o público em geral” e “segurança” permaneçam sem questionamento, tomados como senso comum, mas operados pela cisonormatividade. Sendo assim, as identidades compreendidas como invasoras são desassociadas discursivamente das populações a que alegadamente apresentam risco. “A vigilância dos banheiros públicos ajuda a produzir ideais de boa cidadania, e determina seus parâmetros ao delimitar o acesso ao espaço público<sup>7</sup>” (Beauchamp, 2019, p. 81, tradução nossa). A estratégia de desumanização busca representar pessoas trans como impostores perpetrando uma fraude perigosa a mulheres e crianças, acionando um pânico social – um ato naturalizado de segregação que, para Beauchamp (2019), é similar ao racismo e à xenofobia, uma vez que operam sob a pretensa de proteger os “valores da família” e a segurança (cultural ou literal) da pátria. Dessa forma, mais do que ameaçar as estruturas do sistema sexo/gênero, as pessoas trans são usadas como subterfúgio para as regulações cis-heteronormativas dos banheiros, que procuram delimitar a cidadania através da criação das ansiedades de gênero e sexualidade, bem como de suas respostas (Beauchamp, 2019, p. 91).

Para todos que falham em performatizar um dos pólos binários dos gêneros normativos, e para as pessoas trans em especial, as possibilidades de uso dos banheiros públicos alternam-se entre proibidas, desumanizantes e potencialmente perigosas. Às pessoas transfemininas é vedado o acesso ao banheiro feminino, nas bases de que falham em aparentar a pretensa normalidade da contiguidade entre sexo e gênero e, portanto, configuram um possível agressor sexual. Ao mesmo tempo, também lhes é impedido o uso do banheiro masculino, uma vez que, ao serem percebidas como gênero-variantes, estão expostas às discriminações que acarretam riscos de agressão verbal, física e sexual. Da mesma forma, às pessoas transmasculinas é vedado o uso do banheiro masculino porque, se percebidos como gênero-variantes, estão expostos às violências consequentes dos preconceitos. Mas também lhes é proibido o uso do banheiro feminino, pois sua aparência masculina representa invasão e os caracterizam como possíveis agressores sexuais.

7. “In this way, surveillance of public bathrooms helps produce ideals of good citizenship and determine the parameters of citizenship by delimiting access to public space.”

Assim, pessoas trans não podem ocupar banheiros nem femininos nem masculinos – e as tentativas de coexistência são enquadradas como uma ameaça à segurança pública. Erickson-Schroth e Jacobs (2017) definem os argumentos contra o acesso das pessoas trans aos banheiros do seu respectivo gênero como uma questão cis-machista; mais do que envolver sujeitos gênero-variantes marginalizados, o cerne da disputa é a segurança de mulheres cis contra ataques sexuais de homens cis. Para as autoras, este é o efeito de um mito comum a respeito de mulheres trans: a de que são predadoras que fazem a transição motivadas pela busca de gratificação sexual em obscenidades e violências contra mulheres cis e crianças. Já em relação aos homens trans, o mito é de que fazem a transição para ter acesso aos privilégios masculinos da sociedade patriarcal e sexista. No entanto, muitos deles experimentam ansiedade ao usar o banheiro masculino, ou não o usam, por temer reações negativas caso descobertos em sua condição trans.

Ora, se o risco de agressão sexual se dá a partir da presença – factual ou assumida – de um pênis, sua ausência, então, interromperia a acusação de risco. Com efeito, deveria colocar a vagina de mulheres trans que realizaram a cirurgia transgenital sob a mesma proteção que a regulação afirma oferecer às mulheres cis. Isso não parece ocorrer na realidade; o risco de violência sexual, como se percebe, tem pouco a ver com genitália real, e a suposição da anatomia é usada como subterfúgio para encobrir os banheiros enquanto dispositivos de vigilância sexopolítica cis-binária. Bettcher (2014) define esse mecanismo como sexo/genitália moral: um sistema onde a apresentação pública de gênero denota a genitália percebida, senso comum, como correspondente. Dessa forma, pessoas trans que realizaram a cirurgia genital, mas não “passam” por cis-gênero, também estão sujeitas à coerção dos direitos que a anatomia teria que lhes dar; no entanto, a dizibilidade da genitália moral se sobrepõe à real, o que pode provocar deslegitimações identitárias transfóbicas.

Assim sendo, poderíamos especular que os banheiros são divididos não por gêneros binários, mas entre potenciais agressores e possíveis vítimas. No entanto, esse viés é insuficiente porque pressupõe que um dos espaços seja seguro e estável; uma suposição que não se confirma, com ênfase, nos questionamentos e impedimentos de uso do banheiro feminino, que sofre controle normativo com mais intensidade do que o masculino. Ademais, o banheiro feminino configura-se não como um espaço para todas as mulheres, e sim para determinadas visibilidades estereotípicas de feminilidade. Também aqui a identidade *butch*, analisada e descrita em profundidade por autores como Halberstam (1998), H. Rubin (2003) e Bergman (2010), mostra-se propícia para compreender os banheiros como restritas cabines de vigilância que se impõem também sobre as pessoas cisgênero. Com efeito, Halberstam (1998) pondera se a categoria “mulher”, quando usada para designar funções públicas, não está completamente antiquada – uma vez que mulheres andróginas e masculinas têm seu gênero continuamente questionado no banheiro feminino. Para o autor, a pessoa *butch* é percebida como ameaçadora

à segurança desses espaços por corporificar o encontro da masculinidade feminina<sup>8</sup> com a identidade *queer*, ou seja, uma expressão de gênero que é caracterizada pelo desejo lésbico (Halberstam, 1998, p. 28).

Por estar fora dos eixos binários de sexo/gênero, a identidade *butch* salienta uma outra dicotomia: entre as pessoas cis e trans que “passam”, e aquelas que não “passam” o suficiente para usar os banheiros femininos sem objeção. Nesse sentido, Bergman (2010) cogita que as objeções e interpelações no acesso a esses locais compõem uma parte fundamental da experiência trans, que é vivenciada também por pessoas cis:

Eu já ouvi o argumento de que as experiências com banheiros são a medida definitiva da experiência trans. Você já teve ansiedade, apreensão, ou problemas ao usar o banheiro que corresponde ao seu sexo designado no nascimento? Caso sim, então de alguma forma você é trans. Essa não é a pior ideia que eu já ouvi. O banheiro é onde a performance de gênero encontra a percepção pública com uma pancada ressonante, uma que às vezes dói, e em outras reverbera na minha vida *butch* de maneiras inesperadas. É o local onde eu tenho de fazer uma declaração pública, e eu nunca posso ter certeza de qual irá corresponder ao que as pessoas estão esperando de mim; as consequências de estar errado são sempre desagradáveis, porque esse é um erro tão básico. Eu estou errado no mundo, eles estão dizendo, errado por tê-los enganado, por ser um lobo entre cães e gatos, por estar assoviando na soleira da porta do gênero, e eles me farão pagar por isso enquanto estou com as calças estão abaixadas, se puderem<sup>9</sup> (Bergman, 2010, p. 31, tradução nossa).

Seguindo Bergman, observamos como a variação de gênero transforma as identidades que não podem ser imediatamente assimiladas como masculinas ou femininas em agressores passíveis de punição. De fato, mulheres visivelmente trans, em especial, são alvo de constrangimentos e violências ao serem percebidas usando o banheiro feminino – o que pode gerar políticas públicas de exclusão<sup>10</sup> e provocar jurisprudências específicas<sup>11</sup>.

8. Para Halberstam (1998), a masculinidade feminina não é o oposto da feminilidade feminina, nem uma versão feminina da masculinidade masculina. O autor rejeita os acionamentos binários da linguagem usada para descrever essas identidades, afirmando que a masculinidade feminina da lésbica *butch* produz resultados identitários múltiplos e imprevisíveis.

9. “I have heard arguments made that bathroom experiences are the defining measure of trans-ness: have you ever had anxiety, apprehension, or problems using the restroom which corresponds to your assigned sex-at-birth? Then you’re transgendered in some fashion. It’s not the worst idea I’ve heard. The bathroom is where gender performance meets public perception with a resounding thwack, one that sometimes hurts and sometimes reverberates down my *butch* life in unexpected ways. It’s where I have to make a public declaration and I can never be sure which one might match what people are expecting from me, and the consequences for being wrong are always so unpleasant, because the wrongness is so basic. I am wrong in the world, they’re saying, wrong to have fooled them, to be a coyote among dogs and cats, to stand in gender’s doorways and whistle, and they’ll make me pay while my pants are down, if they can.”

10. SORAGGI, F. (2018). Deputado pede prisão de trans que usar banheiro de gênero que se identifica. Correio Braziliense. Recuperado de [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/12/interna\\_politica,665602/deputado-pede-prisao-de-trans-que-usar-banheiro-publico.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/12/interna_politica,665602/deputado-pede-prisao-de-trans-que-usar-banheiro-publico.shtml).

11. G1 (2015). Aluno transgênero poderá escolher o banheiro e o tipo de uniforme escolar. Recuperado de <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/aluno-transgenero-podera-escolher-o-banheiro-e-o-tipo-de-uniforme-escolar.html>

O temor da discriminação traz consequências objetivas às pessoas trans. Em pesquisa com mais de 27 mil pessoas trans nos EUA, 59% afirmaram evitar o uso de banheiros públicos; 32% já limitaram o consumo de alimentos ou bebidas para este mesmo fim; 24% tiveram sua presença no banheiro questionada ou desafiada; e 12% sofreram agressões verbais (James et al., 2016).

Além dos direitos civis, Varella (2016) aponta que as dificuldades no acesso aos banheiros afetam a saúde das populações trans por interferir com funções fisiológicas essenciais, aumentando o risco de infecções urinárias, renais, obstipação crônica e hemorróidas. Há ainda o risco de desidratação quando se evita beber água para conter a necessidade de urinar. Schuster et al. (2016) apontam que os malefícios à saúde incluem as violências físicas e o agravamento de problemas de saúde mental – cujos efeitos são associados a aumentos de estresse, ansiedade, sintomas depressivos, transtorno de estresse pós-traumático, uso de drogas e suicídio. Além disso, os efeitos psicológicos se dão também pelo viés institucional, nos casos em que políticas empresariais, estudantis ou governamentais reforçam mitos e estigmas ao barrar as pessoas trans dos banheiros de seu gênero (Schuster et al., 2016, p. 101).

Portanto, a sexopolítica que coordena e regula o uso de banheiros públicos faz emergir decorrências que incluem a violência física das agressões e restrições fisiológicas, e a violência psicológica do medo e da ansiedade. Com efeito, tais consequências surgem dos banheiros enquanto espaços normativos indecidíveis, que não conseguem responder às fissuras propostas pelas identidades gênero-variantes. Assim, os banheiros públicos revelam o fato de que todos, em sociedade, estão submetidos a regimes estereotipados de visibilidade de gênero. O uso de banheiros públicos requer “passar” por cisgênero – tanto de pessoas trans como de pessoas cis.

### “Passar” para urinar: experiências de pessoas trans em banheiros públicos

Nos fóruns de temática trans do Reddit, e em especial na comunidade AskTransgender, o uso de banheiros públicos é um tema recorrente. Na etnografia digital que realizamos, constatamos as ansiedades e os temores que o espaço proporciona; e nos depoimentos deixados por pessoas trans, fica evidente que se tratam de locais sob constante vigilância e proteção a determinadas performatividades de gênero.

Uma das disputas mais insistentes é a de que a presença de mulheres trans nos banheiros femininos representaria um risco de agressão sexual a mulheres cisgênero. No entanto, o que ocorre na prática é o oposto do pânico social propagado pelas regulações dos banheiros: “apesar de serem caracterizadas como perigosas, geralmente são as pessoas trans as vítimas de agressões verbais e ataques físicos ao tentar usar banheiros públicos”<sup>12</sup> (Schuster et al., 2016, p. 101, tradução nossa). Essa contradição entre a construção de tabus da cisheteronormatividade, e o que se observa na realidade, é presente em discussões no AskTransgender – como verificamos em tópico de 20/04/19:

12. “Although transgender people have been characterized as dangerous, it is transgender people who have generally been the victims of verbal harassment and physical assaults when trying to use public bathrooms.”

StormJuniper<sup>13</sup>: Em outubro passado, num banheiro, eu fui empurrada contra a parede, cuspiram em mim, e me chamaram de “viado transexual”. Eu nunca empurrei, cuspi ou chamei alguém de “viado transexual” antes, que dirá num banheiro. Então é 1 e 0 para as pessoas cis na minha contagem.

MudWasp: A melhor parte desse argumento é que, em geral, ele nem mesmo é sobre pessoas trans... é sobre homens cis se passando por trans. Ou seja, estamos sofrendo punição pela possibilidade de um comportamento nojento que se espera de homens cis.

O comentário de StormJuniper, transfeminina, manifesta uma experiência de agressão ao usar o banheiro masculino. Ela também narra que, ao entrar no local, se deparou com um homem lavando as mãos; “Ele se virou pra mim e primeiro pareceu chocado, mas o olhar de choque se transformou em nojo”. Em seguida, o homem desferiu o ataque narrado acima. Embora seja uma mulher trans, ela indica que não foi ao banheiro feminino porque não “passa” – ou seja, ao evitar ser percebida como um agressor no espaço feminino, sofreu agressão no masculino, indicando que nenhum dos espaços lhe oferece segurança ou reconhece os direitos. Apesar do risco, o depoimento de PoshNestling, em post de 24/01/20, resiste à visão de que é necessário “passar” para utilizar um banheiro público, e reivindica sua cidadania frente à política normativa:

PoshNestling: Eu sou uma mulher trans que não passa e não tem esperança de passar, mas nos últimos cinco anos nunca usei nenhum banheiro que não o das mulheres... porque eu estou exercendo meu direito legal de usar espaços femininos. Passando ou não, eu sou legalmente mulher (está escrito na minha carteira de motorista) e, até então, a única maneira que tenho de retaliar contra pessoas que me chamam pelos pronomes errados é de ir muito visivelmente, na frente deles, aos banheiros femininos. Então o resumo é que se você não passa, mas é uma mulher de qualquer jeito (e especialmente se fez a cirurgia transgenital), você não deve abrir mão de usar espaços femininos de forma deliberada e proposital.

PoshNestling expõe a contradição entre possuir documentos que comprovam seu gênero legalmente, e ainda assim ser questionada ao usar o banheiro correspondente. A identidade é socialmente questionada porque seu sujeito falha em performativizar corretamente o grau de estereótipo necessário para ter acesso ao espaço regulado. Na ressalva de que o direito de uso do banheiro feminino é aplicável à mulher trans “especialmente se fez a cirurgia transgenital”, PoshNestling ainda exprime a percepção de que há graus de cidadania variáveis, que correspondem a um espectro de transgressões, ordenando uma hierarquia entre sujeitos que pertencem e aqueles que, em maior ou menor intensidade, precisam resistir.

No comentário acima, MudWasp aponta que as mulheres trans são punidas por um comportamento potencial que se assume dos homens cis. Esse acionamento sexista também influencia a avaliação de riscos praticada pelas pessoas trans ao se depararem com as urgências fisiológicas. Em que pese o banheiro feminino ser o território sob maior vigilância, ele também pode ser percebido como a alternativa mais segura. É o que observamos nos depoimentos de dois homens trans no AskTransgender em 24/01/20 e 03/08/19, respectivamente:

13. Os nomes de usuário foram trocados para preservar a identidade dos participantes.

TrainedStork: Eu sou um homem trans, na faixa dos 30 anos, sem hormônios, não fiz mastectomia, tenho menos de 1m52cm. Eu sou lido regularmente como um menino adolescente. Eu já fiz mulheres se sentirem visivelmente desconfortáveis, mas eu absolutamente não me sinto seguro de ir ao banheiro masculino. Por causa disso eu faço questão de me mostrar como não-ameaçador. Eu tiro meu boné se estiver usando, eu sorrio gentilmente sem fazer muito contato visual; se eu tiver oportunidade eu falo, porque minha voz não passa como masculina, então eu digo algo que mulheres diriam, como mencionar que eu gosto da cor do cachecol ou algo assim. Eu tento me incluir no “clube” delas (ainda que eu saiba que na verdade, eu não pertencço a ele). Se essa situação faz com que eu me sinta um lixo, ao menos elas se sentem seguras, e eu fico seguro.

Bambinosaur: Enquanto homem trans, eu frequentemente uso o banheiro das mulheres por segurança. Eu não passo, de jeito nenhum. É simplesmente mais seguro. Uma mulher vai gritar com você ou olhar de forma desaprovadora, ou mesmo reclamar para a gerência do local, mas ela não vai agredir você.

TrainedStork e Bambinosaur demonstram desconforto ao usar o banheiro feminino, mas admitem fazê-lo por questão de segurança – um risco tão significativo que acaba por suplantar sua identidade de gênero ou uma reivindicação cidadã. O primeiro também salienta estratégias performativas mobilizadas caso encontre outra pessoa no banheiro feminino: para não ser lido como homem e invasor, TrainedStork elenca uma série de signos que buscam suavizar uma potencial ansiedade de gênero.

Nestes casos, ambos homens indicaram a opção pelo banheiro feminino por não “passar”. No entanto, há outras situações em que a pessoa trans em questão não consegue avaliar a forma como está sendo percebida socialmente. Nos depoimentos abaixo, em tópico de 20/04/19, verificamos como esses obstáculos podem criar sentidos múltiplos e complexos, uma vez que a interpelação de sua presença promoveu a validação da identidade de gênero.

Armadillo: Eu sou um homem trans pré-transição mas já gritaram comigo num banheiro feminino. Minha voz é andrógina, então eu não tinha certeza que poderia me “provar” como mulher pra ela. Nunca mais usei o banheiro feminino.

FuzzySwan: Eu sou tecnicamente um homem trans (me identifico simplesmente como homem hoje em dia) e quando eu estava nos estágios iniciais da transição, uma senhora de idade me expulsou do banheiro feminino por estar no banheiro errado. Eu não achava que passava naquela época, e estava no banheiro para vestir o uniforme do trabalho (numa cabine). Era estranho, naquele período, não saber qual banheiro era ok usar. O caso foi incrível, mas não divertido. Depois disso, eu tive que rapidamente passar a usar o banheiro masculino por medo de mulheres me agredirem, ainda que não tivesse legalmente mudado meu nome, etc.

Como notamos nos depoimentos de Armadillo e FuzzySwan, ser contestado ao usar um determinado banheiro também pode indicar a alteração de um corpo que, ao realizar a transição de gênero, já não informa aquele designado no nascimento – seja pela adoção de códigos e estereótipos performativos (vestimentas, acessórios, corte de cabelo, trejeitos, etc) e/ou pelos efeitos da terapia de substituição hormonal (que modifica a aparência do rosto e do corpo). Os deslocamentos da transição, no entanto, não comunicam necessária e/ou imediatamente um local binário – e as mudanças podem ser difíceis de reconhecer diante do espelho e saber que gênero está sendo revelado em público. A dúvida sobre qual banheiro é o mais adequado ao uso, então, pode evidenciar uma desarticulação subjetiva entre identidade e expressão de gênero, indican-

do corpos que atravessam espaços de gênero de formas desiguais entre a percepção de si e a percepção social. Os comentários a seguir, de 24/01/20 e 09/09/19, respectivamente, dão mostras desses efeitos:

TimeCat: Eu sou não-binário, ainda tenho seios enormes, mas também tenho um corte de cabelo masculino e pelos faciais. Eu estou começando a receber olhares no banheiro feminino, mas também estou com medo de usar o banheiro masculino.

Wizart: Minha mulher está no começo da transição, e atualmente está no processo de começar a usar o banheiro feminino. Quando ela está no masculino e algum homem entra e a vê, a maioria sai correndo do banheiro. Ela está meio que se divertindo com isso, e nós rimos bastante da situação.

MagmaPan: Eu só comecei a usar o banheiro feminino quando a recepcionista do hospital que eu visitava regularmente me contou que havia recebido duas reclamações sobre uma mulher usando o banheiro masculino (ou seja, eu).

Em certos casos, como notamos, uma pessoa trans pode iniciar o uso do banheiro correto quando pessoas cis questionam sua presença no espaço oposto. Nas discussões da comunidade de pessoas trans no Reddit, esses casos servem como uma espécie de rito de passagem: quando o banheiro do gênero designado no nascimento se torna um risco, ou tem seu acesso questionado ou impedido, o reforço para usar o banheiro correto é celebrado. Um tópico criado em 07/02/18 exemplifica um desses eventos. O texto demonstra uma dupla validação: o ato de “passar” como mulher cisgênero mesmo ao se apresentar publicamente com signos masculinos, e o fato de que o banheiro do gênero designado no nascimento passa a ser proibido.

Blazebra: Meu Deus, finalmente aconteceu! Eu fui expulsa do banheiro masculino! (14 meses de terapia hormonal) Eu estava vestida com roupas masculinas e sem maquiagem, e como não queria arranjar problemas, eu decidi usar o banheiro masculino. Eu estava entrando quando alguém me chamou, “Ei, Ei! Você está entrando no banheiro errado! Esse é o banheiro masculino!” Ele me deu um olhar do tipo - sua menina boba. Uau, esse é o melhor sentimento de todos. Eu apenas sorri e disse obrigada e fui ao banheiro feminino, mas ele não tem ideia do que fez por mim

MagicalPalm: Eu passei a usar o banheiro feminino quando homens, ao entrar no banheiro masculino e me ver lá dentro, voltavam pra checar a placa na porta.

ShortP: Passei a usar o banheiro masculino na primeira vez que alguém perguntou o que eu estava fazendo no banheiro feminino.

Os comentários de MagicalPalm e ShortP, em post de 24/01/20, também exemplificam o momento em que o alerta vem como constatação de “passar” e franqueia o uso do espaço correto. Nessas situações, o uso do banheiro vem pela conquista do privilégio cissexista condicional<sup>14</sup>. No entanto, em outros casos, o efeito pode ser de confu-

14. Serano (2016) indica que “passar” dá a uma pessoa trans o privilégio de ser tratada como cisgênero; no entanto, tal dispositivo é temporário. “Como eu sou transexual, o privilégio cissexual que eu experiencio não é igual ao de uma pessoa cissexual, porque ele pode ser questionado a qualquer momento. Ele é talvez melhor descrito como um privilégio cissexual condicional, porque ele pode ser retirado de mim (e frequentemente é) tão logo eu mencione, ou alguém descubra, que eu sou transexual” (Serano, 2016, p. 169).

são e sinais contraditórios, quando ocorre resistência em ambos os banheiros – como vemos no depoimento de Cal, transfeminina, em 20/04/19, e Aggrobot, também transfeminina, em 03/08/19:

Cal: Funcionários já me pediram para sair do banheiro feminino; enquanto isso, no banheiro masculino, os homens geralmente entram em pânico ao me ver, pensando que entraram no banheiro errado.

Aggrobot: Só recentemente eu fiquei confortável usando roupas obviamente femininas em público, e cada vez que vou a algum lugar sem banheiro unisex, eu entro no jogo assustador de ‘será que um homem vai me atacar, ou uma mulher vai brigar comigo?’

Nos comentários que atestam evitar banheiros públicos, fica subjacente o temor de reações violentas. Essas reações caracterizam os dois próximos depoimentos, também colhidos no AskTransgender. A usuária Jollyphant, transfeminina, conta em 24/01/20 que foi espancada em um banheiro feminino pelo namorado de uma mulher cis – e sugere que mulheres trans que não “passam” simplesmente não usem banheiros públicos que não sejam unissex.

Jollyphant: Eu passo desde o começo da transição, exceto pela voz. Eu fui arremessada contra a parede pelo namorado de uma mulher (porque ela identificou minha voz como masculina quando eu respondi a pergunta de uma amiga), e apanhei a ponto de ter que ir pro hospital.

Eu sei que muitas pessoas acham que devem usar os banheiros do seu gênero, etc. Mas se você é uma mulher trans que não passa, eu realmente evitaria fazê-lo. Honestamente, segure a vontade de urinar e tente encontrar um banheiro unissex. Basta um ignorante para causar dano irreversível. E em muitos lugares, a polícia não vai fazer nada pra intervir ou te ajudar. Pelo contrário, eles podem se juntar na agressão ou prender você. Desculpe não poder ser mais positiva. Eu sei que o mundo não gosta de pessoas trans em geral, mas ele tem uma camada extra de ódio direcionada a pessoas trans que não passam, especialmente mulheres trans. (Eu só agradeço às minhas estrelas da sorte que, para a maioria de nós, isso não é um fardo permanente; com esforço, dinheiro e tempo, eventualmente a maioria pode ser passável o suficiente para fazer xixi.)

Nesse depoimento, é acionado mais um vetor de “passar”, além da aparência física: a voz, que, nesse caso, expressou o gênero designado no nascimento. A voz é considerada um marcador crucial para a efetividade de “passar”: no Reddit, há pelo menos um fórum inteiramente dedicado às discussões, tutoriais, dicas e *feedback* sobre treinamento de voz, o TransVoice<sup>15</sup>. A partir de sua experiência negativa, Jollyphant não aconselha que mulheres trans tentem usar o banheiro feminino se não “passam” por completo. Esse fator será um divisor da comunidade no relato a seguir, que teve grande repercussão pela violência gráfica – uma vez que o tópico trouxe fotos da pessoa agredida.

Em 26/08/19, a usuária Monkiwi, transfeminina, criou um tópico intitulado “Eu fui atacada por usar o banheiro feminino”, onde narra o ataque sofrido em um parque. O testemunho começa com a descrição dos danos causados:

Monkiwi: Mandíbula quebrada em múltiplos lugares. Nariz quebrado. Estou me sentindo devastada neste momento. Estou entrando em cirurgia em algumas horas. Estou na terapia hormonal há duas semanas.

... Eu fui surpreendida com um soco e então arrastada pelo chão pelo cabelo. Enquanto gritava em posição fetal, esse homem continuava a me socar na cabeça. Por sorte alguém ouviu meus gritos, correu e tirou o cara de cima de mim. Provavelmente salvou minha vida.

... Fico tão triste que humanos possam tratar uns aos outros assim. Eu não disse qualquer palavra a esse homem. Eu não levantei as mãos nem o toquei. Eu nunca tive a chance de me defender. ... Eu ouvi histórias sobre violência contra pessoas trans, mas nunca esperei que algo aconteceria comigo. Tenho me sentido tão livre ultimamente. Venho me apresentando socialmente como mulher mesmo antes de começar a terapia hormonal. Eu não quero viver minha vida com medo de como as pessoas vão reagir a mim. Eu só quero ser feliz e viver em paz. ... Este problema não é especificamente meu, e nem mesmo específico à comunidade trans. Nós somos uma comunidade global. Estamos nisso juntos. O que é diferente não é assustador. Eu me recuso a apagar o meu brilho. A odiar quem me atacou. Eu me recuso a ser qualquer outra coisa que não eu. Vamos celebrar nossas diferenças.

Em seguida ao texto, a usuária coloca dois *links* para fotografias: uma *selfie* antes da agressão e outra em uma cama de hospital, com a mandíbula quebrada e sangrando. Nas imagens, é possível identificá-la como uma mulher visivelmente trans, com sombra de pelos faciais. Por conta disso, emergiu uma controvérsia questionando se, por sua aparência, ela deveria realmente ter usado o banheiro feminino. Com a ajuda do *website* de arquivo Removeddit<sup>16</sup>, notamos que o post teve 199 comentários, dos quais 52 foram removidos pelos moderadores e 19 apagados por seus próprios autores. Embora no tópico restem apenas os comentários de apoio à vítima, pelo Removeddit é possível reconstruir o debate de forma mais abrangente. Nosso intuito é ressaltar como parte dos usuários, mesmo sendo pessoas trans, reproduzem e reforçam a normatividade cissexista. Em que pese tais argumentos serem transfóbicos, a discussão demonstra que as perspectivas inclusivas às pessoas trans ainda não são conhecidas, compreendidas ou aceitas por parte significativa da comunidade. Lemos a seguir alguns depoimentos que exemplificam oposições ao direito da vítima em acessar o banheiro feminino:

MusicalMango: Sem querer ofender, mas você deveria ter se dado conta de que, com a sua aparência, usar o banheiro feminino seria perigoso. A maioria das pessoas vai pensar que você é um homem fazendo sabe Deus o quê. Dito isso, é claro que você não deveria ter sido espancada. Isso é óbvio. Seria o mesmo que se um homem tivesse entrado e apanhado. As pessoas concordariam que ele não deveria ter tomado uma surra, mas também que ele não deveria estar lá dentro. Eu sei que a grande maioria do Reddit vai discordar, mas se você tivesse deixado mais claro que é trans, isso poderia não ter acontecido. Pessoas provavelmente assumiram que você é um homem cis e agiram de acordo. Violência nunca é positiva, no entanto.

FarmMole: É... faça a barba da próxima vez e talvez isso não vá acontecer. Ainda melhor, faça remoção a laser antes de se apresentar como mulher na rua; usar o banheiro feminino é algo que você faz bem mais adiante na transição, não depois de duas semanas de terapia hormonal. Eu honestamente lamento que isso tenha acontecido com você, mas por favor use o bom senso. Como uma pessoa que também é trans, eu sei que é um mundo perigoso lá fora pra pessoas como nós.

16. Comentários em discussões do Reddit podem ser removidos por moderadores ao infringir as regras de uma comunidade, por administradores do Reddit por ir contra as políticas de uso dos fóruns, ou mesmo pelos próprios autores dos comentários. Para reconstruir as discussões acessadas, a utilização de ferramentas como o Removeddit permite verificar o tópico em sua completude. <https://removeddit.net>.

15. <https://reddit.com/r/transvoice>.

AdviceSquab: Se você se parece com um cara, não vá ao banheiro feminino. Você está há duas semanas na terapia hormonal, isso não faz de você subitamente uma mulher nem lhe dá permissão para ir lá, você nem mesmo fez a barba... Eu lamento que você tenha sido atacada, eu fui atacado também (sou intersexo) mas o que você fez foi simplesmente estúpido.

Nesses comentários fica evidente que a identidade pode ser suplantada pelos regimes de visibilidade normativos. A primeira opinião questiona um aspecto prático: se o público em geral não percebe Monkiwi como mulher, como poderia saber que é elegível ao banheiro feminino? MusicalMango sugere que se ela “tivesse deixado mais claro que é trans, isso poderia não ter acontecido”. Apesar disso, não há qualquer indicação de que o ataque teria sido evitado caso ela fosse decodificada como mulher trans; e, de fato, como ficará claro mais adiante, a vítima estava usando roupas femininas. Ou seja, é possível que Monkiwi tenha sido compreendida e atacada exatamente por ser uma mulher visivelmente trans, em um caso de transfobia. De maneira geral, esses comentários desrespeitam a autoidentificação de gênero, indicando que, pela aparência, ela ainda não pertence ao banheiro feminino; e que, portanto, não se configure como uma mulher.

Esse viés surge no que dizem FarmMole – “usar o banheiro feminino é algo que você faz bem mais adiante na transição”, e AdviceSquab – “você está há duas semanas na terapia hormonal, isso não faz de você subitamente uma mulher”. Notamos que estes membros da comunidade indicam condições, como tempo de transição e efeito dos hormônios, para que se possa ter acesso ao espaço generificado. Nesse sentido, ressaltamos que nenhum dos comentários menciona a genitália da vítima; se pode ser uma questão de respeito à intimidade da pessoa, é também um indicativo de que essa anatomia é irrelevante para o caso. Ao contrário, são os pelos faciais da vítima que assumem papel destacado nos questionamentos, e funcionam como índice do signo masculino e antítese da feminilidade – trazendo em sua dizibilidade um maior potencial de barrar a identidade e o acesso ao banheiro do que a genitália. Esse entendimento ecoa e é potencializado nos comentários transfóbicos transcritos a seguir<sup>17</sup>, que ameaçam e condenam a vítima sem, no entanto, indicar o risco que ela representa. Enquanto a possibilidade de ataque sexual é suposta, ela não é trazida à tona, e a aparência surge como suficiente para invalidar o acesso ao banheiro.

Dismister: Fique longe dos banheiros femininos, seu pervertido. Não é porque você botou um vestido e alguma maquiagem que isso muda o fato de que você é um homem no banheiro das mulheres. É nojento. Espero que você tenha aprendido uma lição.

Caribooboo: Você levou exatamente o que merecia. Fique longe dos banheiros das mulheres, seu viado doente mental. Na próxima vez você pode não ser tão sortudo.

Após os primeiros depoimentos criticando sua aparência e seu direito a usar o banheiro feminino, Monkiwi fez uma edição em seu texto original, adicionando mais detalhes sobre o ocorrido:

Monkiwi: Para aqueles dizendo que eu não deveria ter usado o banheiro feminino: eu nem mesmo urinei. Apenas lavei as mãos. Estive lá dentro por 45 segundos no máximo. Era cedo da manhã e não havia ninguém à minha volta. Eu tinha certeza que o banheiro estava vazio. Eu não vi ninguém lá dentro. Eu estava usando roupas femininas! Aparentemente havia uma mulher dentro de uma cabine (eu não a vi). Ela disse ao marido que eu estava a perseguindo e assediando. (Eu só sei disso porque os policiais me contaram.) Além disso, o ataque ocorreu uma hora depois que eu usei a pia. Eu saí pra comprar comida, e voltei. Eu estava fazendo café da manhã e esse cara caminhou 180 metros através do parque pra me agredir. Não acredito que eu estou tendo de me defender pra vocês.

Embora manifestações de apoio já tivessem ocorrido, a comunidade passou a defender a autora com mais veemência depois da edição do tópico, também por causa da afluência de comentários que culpam a vítima. Como vemos abaixo, PaleCrow ressalta que mesmo um homem lavando as mãos no banheiro feminino não teria causado tal agressão – indicando que o caso salienta uma violência específica, a transmisoginia. De forma análoga, Rollmop pondera se o uso do banheiro foi realmente o motivo para a agressão; além disso, justifica o direito de Monkiwi ao espaço feminino baseando-se nos códigos normativos das vestimentas e do cabelo, em resposta direta ao questionamento dos pelos faciais.

PaleCrow: Independente das opiniões em ambos os lados: a mulher cis na cabine deveria ter tido o bom senso de perceber que não estava sendo perseguida. Eu odeio pensar que se você estivesse se apresentando completamente como homem, nada teria acontecido. Ela provavelmente contaria ao marido uma estória sobre “um pobre moço que entrou no banheiro errado”, e como foi incômodo esperar que ele sáisse. É a desinformação transfóbica, espalhada para o público, que eu vejo como a provável responsável por ela ter decidido chamar o marido em sua defesa. Quanto antes as pessoas aprenderem que ninguém se veste diferente ou faz transição só pra atacar pessoas no banheiro, mais rápido as coisas vão melhorar.

Rollmop: Ela não tem barba, apenas estava com a barba por fazer. Ela tem cabelo comprido e estava usando roupas femininas. Além disso, nós vamos acreditar que a mulher que disse que estava na cabine do banheiro poderia realmente ver, através da fresta da porta, a barba por fazer em alguém lavando as mãos na pia? Parece uma observação bizarra. Meu palpite é que ela está tentando dar cobertura para o ataque do marido. A autora do tópico foi vítima de um crime de ódio. Isso jamais deveria ter acontecido; não é a hora de culpar a vítima, e não cabe a ninguém dizer quanto tempo ela precisa fazer terapia hormonal para lavar as mãos num banheiro feminino.

Apesar dessas opiniões (e, logo adiante, a própria vítima) ponderarem se o uso do banheiro feminino foi realmente o que motivou a agressão, “passar” por cisgênero toma protagonismo na discussão. A menção aos pelos faciais é insistente, e como vemos na opinião de SandOlive, transcrita a seguir, serve para compor o julgamento de que a vítima não “passa” e, por conseguinte, “não pode simplesmente usar o seu banheiro preferido”. Na continuidade do argumento da aparência, o “passar” cisonormativo é inferido como o mecanismo que franqueia o uso de um dado banheiro. A perspectiva ecoa no comentário de Komodough que, embora de início tome uma posição de apoio, em seguida indica que, na impossibilidade de passar, “é melhor estar como homem do que arriscar sua vida”.

SandOlive: Você tinha aquela barba quando estava no banheiro feminino? Pelo que eu percebo pela foto antes da

17. No Reddit, é possível postar em qualquer comunidade aberta. Os fóruns de temática trans frequentemente sofrem ataques transfóbicos, e estes comentários são removidos pelos moderadores.



agressão, não parece que você passa. Eu sei que é difícil de ouvir e eu não estou tentando ser uma cretina, mas você não pode simplesmente usar o seu banheiro preferido se você não passa no respectivo gênero. O que aconteceu a você foi um comportamento abominável, mas talvez você devesse evitar banheiros públicos até mais adiante na sua transição.

Mododough: Essas pessoas dizendo que é culpa da vítima são nojentas paca. Casos como esse não deveriam ocorrer, independente de se alguém passa ou não! Isso não deveria acontecer com ninguém. Certamente precisamos tomar cuidado, e se você não passa e sabe que está numa área perigosa, é melhor estar como homem do que arriscar sua vida. Mesmo em áreas com muita aceitação você pode ter o azar de encontrar um ignorante violento.

NaiveHooper: As pessoas dizendo aqui que ela precisa passar pra usar banheiros femininos podem ir se foder. Nem todo mundo vai, e nem todo mundo poderá passar; algumas pessoas trans não têm acesso ou não podem tomar hormônios, ou fazer cirurgias, e aqueles que podem irão receber diferentes níveis de benefícios deles. Não é uma coisa ruim querer passar, de jeito nenhum, mas dizer que você precisa passar por qualquer outro motivo que não segurança, é palhaçada. Parem de culpar a vítima. O que aconteceu é inteiramente culpa da pessoa que a atacou.

MegKhajit: Eu espero que você se recupere logo, e que tudo se cure bem e não interfira com o resto da sua transição. Eu estou há três anos em tratamento hormonal e eu ainda não me sinto confortável em usar o banheiro feminino, ou me apresentar socialmente como mulher. Eu odeio tanto esse mundo, eu odeio que não passar significa colocar a nossa vida em riscos desnecessários. Eu odeio que não passar significa não poder ter uma vida normal.

Como percebemos, NaiveHooper se coloca em posição contrária à condicionalidade do “passar”, lembrando que nem toda pessoa terá acesso às tecnologias de alteração do gênero ou seus efeitos. Já MegKhajit demonstra frustração por fazer terapia hormonal há três anos (em contraste às duas semanas indicada pela vítima da agressão) e, ainda assim, não ter coragem de se expressar publicamente em seu gênero ou usar o banheiro feminino. Apesar dos riscos e desafios, parte da comunidade se opõe à obrigação de “passar”, incluindo a própria vítima da agressão, ao defender que uma existência visivelmente trans é exequível. Essa perspectiva é demonstrada por Monkiwi em uma nova edição ao seu texto original:

Monkiwi: Aqui estão algumas prerrogativas da minha vida, e que podem trazer contexto sobre porque eu escolhi fazer o que fiz:

- Passar não faz de mim uma mulher. Ser uma mulher faz de mim uma mulher;
- Ter sombra de barba não faz de mim um monstro assustador e perverso
- Fazer a barba não me transforma em uma fadinha cis delicada;
- Você não precisa ter um certo nível de passabilidade para usar o banheiro.

A alternativa teria sido usar o banheiro masculino enquanto usava roupas femininas – o mesmo banheiro que o homem que me atacou estaria usando. Outra alternativa seria me esconder num armário pro resto da vida. Eu entrei, lavei minhas mãos e saí... foi isso. Pessoas dizendo que eu deveria ter agido de outra forma, e que eu mereço o que aconteceu, realmente me magoam. Obrigada a todos que estão me dando apoio. É por isso que eu vim aqui. Eu fiz um julgamento baseado em experiências passadas. Eu usei o banheiro feminino muitas vezes mesmo não passando, e tenho sido completamente aceita pelas mulheres dentro deles. Eu deveria ter agido diferente? Não. Por que eu deveria esconder quem eu sou, se não estou fazendo mal a ninguém, nem fazendo nada errado? Eu esperei 29 anos pra me aceitar. Eu vou me agarrar em cada oportunidade que tenho de ser eu mesma. Pessoas que tem ódio, que são ignorantes, que não nos aceitam, que são violentas e nos julgam: são elas que devem agir diferente. Além disso, a polícia me apoiou por completo, e está tentando en-

quadrar a situação no maior número de crimes... inclusive crime de ódio. Eles também acham que a esposa está mentindo e nada do que ela diz se alinha aos depoimentos das testemunhas.

A postura da autora, resiliente mesmo após a agressão, é inequívoca no que tange ao aspecto político de sua identidade e na busca de uma vivência autêntica, independente das aparências – ou seja, mesmo sem “passar”. Monkiwi ainda aponta que o cenário alternativo à agressão teria sido usar o banheiro masculino quando em roupas femininas, continuando ou aumentando o risco, e salientando a situação que torna ambos os espaços inseguros.

Algumas horas após sua publicação, o tópico foi trancado, impossibilitando novos comentários – uma estratégia usada pelos moderadores do Reddit quando as discussões, em suas comunidades, saem do controle e da civilidade. Julgamos importante ressaltar que, se os textos selecionados para este artigo demonstram as disputas de sentido que se configuram dentro da comunidade, a maioria dos comentários foi de apoio e empatia, como exemplificamos abaixo:

MarbleSaint: Lamento que isso tenha acontecido! Ser uma pessoa trans não é seguro como deveria ser, nem de longe. Eu ainda estou absolutamente apavorada de usar o banheiro feminino e, pra ser honesta, eu não sei quando eu conseguirei ter coragem pra usar.

ChangeSprite: Foda-se todo mundo questionando por que você fez o que fez. Nós vivemos em uma cultura que muito frequentemente culpa a vítima em crimes violentos. Infelizmente nossa comunidade carrega essa visão misoginista e transfóbica consigo. O que aconteceu não foi sua culpa. Nós não deveríamos ter de viver com medo e em modo de sobrevivência constantes.

Yahooligan: Eu lamento muito que tudo isso tenha acontecido com você. Você tem o direito de existir como você é. Você não fez mal a ninguém e não merece isso. Você merece felicidade, e não ódio. Continue sendo forte e verdadeira, e preste queixa contra a pessoa que fez isso com você, ele não vale nada.

As disputas desse caso evidenciam acionamentos distintos e divisivos na comunidade de pessoas trans do Reddit. Caracterizações em que a aparência confirma ou suplanta a identidade, mobilizadas a partir de graus de visibilidade e adequação à norma, procuram ressaltar um aspecto prático. Nesse viés, a normatividade é percebida como imóvel, imutável e violenta. As estratégias de assimilação superaram os riscos e desconfortos de uma experiência abertamente trans – às expensas de um projeto político amplo que busque assegurar direitos coletivos sem a necessidade de um apagamento.

Já as perspectivas que valorizam as reivindicações de humanidade e cidadania compreendem que ceder à busca de privilégios individuais frente às marginalizações causa, em si, ainda mais marginalidades. No entanto, a visibilidade encerra uma alteridade social que tanto pode minar as subjetividades como trazer riscos imediatos aos seus sujeitos.

## Considerações finais

A partir das confluências demonstradas entre a materialidade das pessoas trans e os sistemas cissexistas que regulam o uso dos banheiros, podemos então inferir que as pessoas trans precisam ter suas identidades firmadas e compreendidas antes que possam usar banheiros públi-

cos. Percebemos que esses espaços exemplificam a atuação da normatividade sexopolítica, e se configuram como locais de controle onde a visibilidade da variação de gênero irrompe com violência.

Os banheiros binários definem os campos de pertencimento social de homens e de mulheres, e também passam a ser territórios centrais de conquista política e afirmação identitária. A alternativa à aceitação da autoidentificação de gênero é questionada: Alves e Moreira (2015), ao realizar uma meta-análise da produção científica brasileira acerca do tema, apontam que banheiros exclusivos às pessoas trans aparecem nesses estudos como uma opção “severamente criticada pelos autores, que a consideram como uma reiteração da discriminação e da segregação da diferença, numa perspectiva higienista e mesmo eugenista” (Alves & Moreira, 2015, p. 63).

De fato, as alternativas que precluem a inclusão destes sujeitos nos banheiros “normais” representam a negação de seu gênero e identidade. Nesse caso, a busca por um meio-termo não é alcançável, por insistir no não-reconhecimento identitário das pessoas trans. Essa posição, no entanto, é questionada por pessoas não-binárias que, em geral, demonstram favorecer a criação de espaços unissex, neutros ou universais – com efeito, sua ausência representa a insistência do sistema binário em não reconhecê-los. É também notável como os banheiros públicos unificam pessoas cis e trans diante dos obstáculos a seu acesso. Embora, evidentemente, as pessoas trans sofram em maior número os efeitos da normatividade, sua presença social traz à tona e torna visíveis as articulações de imagem e performatividade que dão forma às regulações de gênero na contemporaneidade. Com efeito, a todos é exigido que “passem” por cisgênero, inequivocamente, para que possam ter livre acesso aos banheiros públicos.

Como afirma Kuberski (2004, p. 141), há uma duplicidade inevitável nos banheiros. São um local luxuoso e clínico, superficial e profundo; de conforto e equipamentos sofisticados, e ao mesmo tempo, da imundície e dos dejetos. No caso dos banheiros públicos, outra dicotomia se demonstra: é um lugar de regulação e reforço sexopolítico do gênero, mas também de sua negociação, contestação e resistência. As identidades gênero-variantes, e em especial as pessoas trans visíveis, fazem emergir as disputas de sentido que tornam os banheiros um território indecidível à busca de uma solução. Se será normativamente moral ou progressivamente ética, ainda não é possível dizer.

## Referências bibliográficas

Alves, C., & Moreira, M. (2015). Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. *Quaderns de Psicologia*, 17(3), 59-69.

Beauchamp, T. (2019). *Going Stealth: Transgender Politics and U.S. Surveillance Practices*. Durham: Duke University Press.

Bettcher, T. M. (2014). Trapped in the Wrong Theory: Rethinking Trans Oppression and Resistance. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 39(2), 383-406.

Bergman, B. (2010). *Butch Is a Noun*. Vancouver: Arsenal.

Connell, C. The Politics of the Stall: Transgender and Gen-

derqueer Workers Negotiating “the Bathroom Question”. In Bobel, C., & Kwan, S. (Eds.). (2011). *Embodied Resistance: Challenging the Norms, Breaking the Rules* (pp. 175-185). Nashville: Vanderbilt University Press.

Erickson-Schroth, L. & Jacobs, L. (2017). *“You’re in the Wrong Bathroom!”: and 20 Other Myths and Misconceptions about Transgender and Gender-nonconforming People*. Boston: Beacon Press.

Halberstam, J. (1998). *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press.

James, S. E., Herman, J. L., Rankin, S., Keisling, M., Mottet, L., & Anafi, M. (2016). *The Report of the 2015 U.S. Transgender Survey*. Washington, DC: National Center for Transgender Equality. Recuperado de <<https://transequality.org/sites/default/files/docs/usts/USTS-Full-Report-Dec17.pdf>.

Kuberski, P. (2004). Plumbing the Abyss: Stanley Kubrick’s Bathrooms. *Arizona Quarterly: A Journal of American Literature, Culture, and Theory*, 60(4), 139-160.

Preciado, P. (2019a, abril 12). Soy un disidente del sistema sexo-género. Entrevista por Anna Péres Pagès. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Aa-RiOuYiE4>.

Preciado, P. (2019b). Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino. *Performatus*, 7(20). Recuperado de <https://performatus.com.br/traducoes/lixo-e-genero>.

Rubin, H. (2003). *Self-Made Men: Identity and Embodiment among Transsexual Men*. Nashville: Vanderbilt University Press.

Serano, J. (2016). *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity* (2nd ed). New York: Basic Books.

Schuster, M., Reisner, S., & Onorato, S. (2016). Beyond Bathrooms: Meeting the Health Needs of Transgender People. *The New England Journal of Medicine*, 375, 101-103.

Varella, D. (2016). *Banheiros transgêneros*. Recuperado de <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/banheiros-transgeneros-artigo>.